

## **SESSÃO DE HISTÓRIA**

## **O diálogo entre o Reyno do Ndongo e a Coroa Portuguesa por intermédio do “bakule”, apontando para sua importância no comércio ultramarino pelo Atlântico a partir do século XVI.**

**Raquel Santos Souza**

Estudante do curso de graduação em História- América Latina  
Bolsista da Pibic/ Fundação Araucária  
raquel.souza@unila.edu.br

**Rodrigo Bonciani**

Professor Adjunto II do Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História. Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História  
Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História  
Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História  
Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História  
curso de História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana  
Orientador  
rodrigo.bonciani@unila.edu.br

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo analisar as relações de poder entre as lideranças africanas e os portugueses, na atual região de Angola, a partir do século XVI. A data de 1570 ao que parece, corresponde a data oficial em do período intitulado “conquista de Angola”, a partir de então encontra-se a maior parte dos registros escritos sobre essas relações. Relações essas, que não apenas alteraram os sistemas econômicos de ambas sociedades como também interferiram nas estruturas sociais e estatais internas existentes, como modificou a forma na qual se relacionavam com as demais sociedades. Através da utilização de documentos como as cartas de Fernão de Souza compiladas pela autora Beatrix Heintze nos serviram de fontes, cartas essas direcionadas aos representantes e à própria Coroa Portuguesa e por mais que apresentem objetivos diversos, quando analisadas cuidadosamente e devidamente questionadas nos revelam muito sobre a formação do Ndongo e sobre como viviam os seus habitantes. A análise consiste em apresentar como ambos os lados, portugueses e africanos, procuraram beneficiar-se deste contato com o outro, seja através da riqueza que este oferecia, seja quanto a apropriação e execução de sistemas internos deste outro para o próprio proveito. Observamos que, assim como os portugueses interpretaram as hierárquicas internas existentes no Reino do Ndongo dada a forma como se aproximaram desses reinos, adaptando-se a essas organizações africanas; as lideranças presentes no Ndongo também o fizeram, seja através da adoção de

ordenanças religiosas, tais como o batismo ou por meio de símbolos por este utilizado. Dois dos principais sistemas internos africanos entendidos pelos europeus, foram a **baculagem e o sistema de servidão interna**

existentes no reino; o baculamento consistia no pagamento de impostos e a servidão interna de pessoas, destacando sempre as especificidades deste antes da incorporação pelos portugueses. Ambos, africanos e europeus se baseariam nessas apropriações para favorecer aos seus interesses que eram por vezes econômicos, os portugueses tempos depois, utilizariam-se dessa estrutura de servidão para basear o modelo escravocata tal qual se conheceu nas Américas. Importante destacar que a chegada dos portugueses não retirou a autonomia desses chefes dentro de seus territórios, e tampouco implicou na subordinação direta de seus líderes africanos aos portugueses, ao contrário, este período foi marcado por resistentes oposições à Coroa Portuguesa. A partir desta apresentação, acredito ter familiarizado o leitor com o texto; que está organizado em três partes: a) A formação do Estado do Ndongo – a partir de sua organização e os sistemas de servidão interna; b) O comércio pelo Atlântico de escravos; c) Sistema de tributagem apontando para seu significado. Agradecimentos à Fundação Araucária pela apoio por intermédio da bolsa, que possibilitou a dedicação integral para o desenvolvimento da pesquisa, e ao professor orientador, Rodrigo Bonciani que cuidadosamente orientou-me.

**Palavras-chave** : Ndongo, Angola, Baculamento, Nzinga, Portugueses.